O TRABALHO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA JUNTO A ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE JOINVILLE

GISELE ALVES SOETHE[1]
SONIA MARIA RIBEIRO[2]
UNIVILLE- JOINVILLE – SC – BRASIL
gas.duda@gmail.com

INTRODUÇÃO

O movimento de inclusão desencadeado em meados dos anos 80, visou oferecer no ensino regular uma educação com qualidade para aqueles, que até aquele momento, eram atendidos pela Educação Especial, provocando mudanças significativas no modo de se conduzir a Educação Física (EF) escolar. Diante deste movimento tornou-se importante que a EF escolar contemplasse em seus currículos atividades que atendessem, também, as necessidades e características dos alunos com deficiências ou com necessidades educacionais especiais.

Passados 30 anos, pode-se dizer, principalmente pelos dados que são apresentados pelas pesquisas de David Rodrigues, em seu trabalho "Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva", (2006, web) que há um distanciamento entre as orientações apresentadas pelas políticas de inclusão e a prática desenvolvida na educação básica. Rodrigues (2006, web) afirma que "*A Educação Inclusiva tornou-se assim um campo polémico por várias razões. Uma das principais é sem dúvida a contradição entre a letra da legislação e a prática das escolas. O discurso da inclusão ou "a ideologia da Inclusão."*

A relevância desta pesquisa está no fato de que auxiliará na compreensão do processo de inclusão do aluno com deficiência nas aulas de EF, visando assim reforçar a importância desta disciplina na inclusão dos alunos com deficiências e o papel do professor neste processo.

Diante o exposto, a pesquisa teve como objetivo analisar se o trabalho do professor de EF oportuniza a inclusão de alunos com deficiência em uma escola da rede estadual no município de Joinville.

Como objetivos específicos pretendeu-se verificar como o professor de EF contempla em seu planejamento atividades visando a inclusão do aluno com deficiência; identificar as estratégias utilizadas pelo professor de EF, durante as aulas, que favoreçam a inclusão do aluno com deficiência e observar como se desenvolve a participação do aluno com deficiência nas aulas de Educação Física.

A década de 80 foi marcada pela criação do Ano Internacional das Pessoas Deficientes (1981), pela Organização das Nações Unidas apontando a necessidade de investimentos na formação inicial e continuada de professores que iriam atuar na educação especial no ensino regular. A partir deste ano iniciou-se a publicação dos primeiros trabalhos sobre EF e esportes para pessoas com deficiências (1981 e 1982).

Em 1984, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), entre as diversas prioridades das áreas de atuação estava o de desenvolver programas de EF para pessoas com deficiência, o que influenciou em uma inclusão formal da EF e do desporto para pessoas com deficiências no planejamento educacional do ensino básico.

Os marcos, que podem ser considerados como o início da formação profissional para a área de EF é o ano de 1987 com a publicação do Currículo Mínimo de Educação Física, e a

[1] Acadêmica do Curso Educação Especial – UNIVILLE, graduada em Licenciatura Educação Física – UNIVILLE. Endereço Rua: Tuiuti, 3210 – CEP: 89226-000
[2] Professora doutora no curso de Educação Especial PARFOR/UNIVILLE

Resolução nº 3/87 do Conselho Federal de Educação, que trata da reestruturação dos cursos de graduação em EF. Em seu parágrafo IV do artigo VI, esta resolução prevê a atuação do professor de EF junto às pessoas com necessidades especiais, orientando os cursos a incluírem nos seus currículos uma disciplina capaz de subsidiar os acadêmicos para esta atuação. De acordo com Mauerbergue-deCastro (2005, p.49):

> Os anos 80 foram marcados pela preocupação com a formação, especialmente por causa do Ano Internacional das Pessoas Deficientes. O Ministério da Educação e Cultura publica em 1981 o livro Atividade física para deficiente e outro em 1982, Educação Física para o excepcional.

Dentro deste contexto, relacionando a prática da pessoa com deficiência vale destacar que somente a partir dos anos 90 a Educação Física escolar passou a receber estes alunos em suas aulas, tendo em vista o modelo de educação inclusiva que passou a contemplar todos os níveis de ensino.

A partir dos avanços do movimento de inclusão das pessoas com deficiência, se voltou nos últimos vinte anos, para uma forma conduzir a EF no contexto escolar, resultando numa mudança da EF pautada na e para a diversidade.

Quando se trata do processo de inclusão no ensino regular, no que se refere ao trabalho do docente de Educação Física, surgem diversos questionamentos e junto a estes o desejo de atender as proposições deste movimento, pois não basta que o aluno com deficiência frequente o ensino regular, ou esteja presente no espaço onde acontecem as aulas, observando, as atividades que os demais estão realizando. O desafio está no fato de oferecer uma educação na qual o aluno possa ser sujeito participante do processo de ensino-aprendizagem e assim desenvolver-se como os demais, mesmo que este desenvolvimento ocorra de um modo e ritmo diferentes.

Alguns fatores têm sido identificados como sendo essenciais para o desenvolvimento da Educação Inclusiva em escolas regulares, nesta perspectiva, Rodrigues (2011), um estudioso da inclusão de estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física, apresenta alguns fatores que para ele são fundamentais neste processo: os agentes catalisadores desta mudança e como esta mudança será gerida e planejada.

Ao comentar sobre o primeiro fator o autor volta-se ao trabalho e ao papel do professor, para ele "*a profissão de professor é bem mais complexa e global: na verdade, trata-se de lidar com a gestão de um currículo, o que implica uma multiplicidade de opções e caminhos possíveis*." (RODRIGUES e LIMA-RODRIGUES, 2011, p.43)

A experiência adquirida pelo professor, tanto na formação inicial como continuada são fundamentais para que este possa desenvolver competências que lhes dê condições de superar os desafios que surgem num ensino pautado na e para a diversidade. No entanto, romper com o ensino tradicional demanda investimentos que vão além do conhecimento técnico, sendo importante também que o professor seja capaz de elaborar ações, que vão desde o planejamento à intervenção prática, que favoreçam a inclusão dos alunos com deficiência. Assim, investir num currículo flexível com práticas menos restritivas, provocadas pelo uso da competição, e em metodologias acessíveis possibilitaria o desenvolvimento de um planejamento voltado às características e necessidades dos estudantes.

Outro aspecto importante, como potencializador deste processo, mencionado por Rodrigues (2011), é o trabalho coletivo. Para que o professor desenvolva um ensino de qualidade, como é explicitado nas políticas educacionais vigentes, a escola precisa tornar-se um espaço que respeita, valoriza e reconhece a diversidade. Ou seja, a inclusão passa a ser responsabilidade de todos os professores, da coordenação, direção, estudantes, pais, zeladoras, merendeiras, enfim, todos os sujeitos que atuam nos diferentes espaços escolares, uma vez que todos são sujeitos pertencentes a sociedade onde a inclusão, trabalhada e muitas vezes iniciada na escola, poderá ser efetivada ou não.

A tradição do pensamento que concebe o professor como o único “detentor” do conhecimento, tem-se alterado nas últimas décadas, na medida que outros conhecimentos foram reconhecidos como relevantes no desenvolvimento do educando, a partir desta perspectiva passou haver uma valorização do estudante neste processo, tendo em vista que o conhecimento que este traz consigo influenciará no processo de ensino-aprendizagem.

Compreende-se que o aprendizado se caracteriza por um processo dinâmico construído na relação professor-aluno, que os levará a um resultado significativo do saber. Para tal são necessárias experiências significativas onde o docente desperte a curiosidade do aluno.

E quando se trata do processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência, o professor deve ter seu olhar para além da limitação que o aluno apresenta, procurando enxergar as suas potencialidades e habilidades assim como o que o motiva, dando condições deste interagir com o grupo.

A escola e o trabalho do professor de EF no que diz respeito as intervenções voltadas a educação inclusiva necessitam, considerando o exposto, avançar na busca por uma EF menos excludente, com metodologias pautadas no cooperativismo, com atividades que proporcionem a participação de todos os alunos independente de seu nível de desenvolvimento psicomotor e condições motoras, oportunizando assim o aluno descobrir suas potencialidades e não o contrário - enfatizar as dificuldades.

PERCURSO METODOLÓGICO

A partir do exposto passaremos a apresentar o percurso metodológico com vistas a responder ao seguinte questionamento: como o professor de EF colabora com o processo de inclusão de alunos com deficiência no ensino regular?

Para efetivação deste estudo, foi realizada uma pesquisa de campo descritiva, do tipo estudo de caso, com análise qualitativa. Fizeram parte da pesquisa três professores de EF de uma Escola da Rede Estadual de Ensino de Joinville/SC, que trabalham com estudantes que possuem deficiência.

Como instrumentos foram utilizados o questionário adaptado de Marques (2000), e observação direta de vinte aulas, destas, oito aulas foram utilizadas como reconhecimento e adaptação dos alunos à presença da pesquisadora, nas demais aulas foram feitos os registros em diário de campo. Outra fonte de dado foi a leitura dos planos de aula elaborados pelos professores.

Os professores responderam a um questionário, com questões abertas e fechadas, que compreendia três categorias de análise definidas *a priori*. A primeira visava obter informações pertinentes aos dados de identificação dos professores. A segunda categoria voltava-se à formação profissional inicial e continuada dos docentes, e a terceira categoria fazia referência à experiência dos docentes junto a alunos com deficiência.

As informações obtidas nos questionário e nos registros dos diários de campo foram analisadas pela técnica de análise de conteúdo. De acordo com Franco (2008, p.12) “*o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.*”

A partir das respostas obtidas no questionário e análise das mesmas foram realizadas as observações de vinte aulas, entre o mês de maio e junho.

A observação das aulas ocorreu com alunos séries iniciais e finais do Ensino Fundamental (EF) e com alunos do Ensino Médio (EM), no período vespertino. Eles compreendem a faixa etária de 7 a 22 anos, possuindo diversas características no que diz respeito a sua deficiência. Por possuírem a diversidade de idade e singularidades, exige dos professores diferentes intervenções. A instituição atende aproximadamente 1127 alunos, na faixa etária de 6 a 17 anos, sendo 541 matriculados no EF e no EM um total de 586 alunos, distribuídos em três turnos matutino, vespertino e noturno.

O QUE DIZEM OS DADOS COLETADOS?

Visando manter o anonimato dos sujeitos da pesquisa estes, serão aqui representados como P1, P2 e P3. Iniciando pelos dados de identificação seguem as informações obtidas por meio do questionário.

O sujeito P1 possui 46 anos, leciona há 21 anos e é docente na escola há 14 anos. A P2 tem 41 anos, leciona há 17 anos e na escola há 16 anos. O sujeito P3 está com 35 anos, leciona há 9 anos e na escola investigada trabalha há 2 anos. Observa-se que P1 e P2 atuam há mais tempo na docência, assim como trabalham há mais tempo na escola investigada, quando comparados ao sujeito P3.

Com relação à formação inicial e continuada, sendo uma das categorias analisadas, os três professores citaram ter concluído o curso de Licenciatura Plena em Educação Física. Sendo que P1 graduou-se em 1988, pela Faculdade de Educação Física de Jacarezinho (PR), P2 em 1998, pela Universidade da Região de Joinville (SC), e o P3 concluiu sua formação inicial em 2005, na Universidade Estadual de Maringá (PR).

A partir da década de 80 houve uma preocupação com a formação docente voltada a Educação Para Todos, e neste caso específico à educação física inclusiva. Deste modo, determinadas grades curriculares de cursos de graduação, passaram a oferecer desde os anos 90, conteúdos referentes ao trabalho com pessoas com deficiência em disciplinas como Educação Física Adaptada, Educação Física Especial, Educação Física para Pessoas com Deficiência. (RIBEIRO, 2009)

Quando os professores foram questionados, se haviam tido em sua graduação alguma disciplina relacionada à Educação Inclusiva ou Educação Especial, P1 afirmou não ter recebido tal formação, enquanto P2 e P3 afirmaram que sim. Para FILIPE, (2013, web) " *os estudos referem que os professores que receberam esta formação são mais favoráveis nas suas atitudes face à inclusão."*

Quando estes professores foram questionados sobre como foram às experiências anteriores junto a alunos com deficiências ou com necessidades especiais, os três professores escreveram ter tido dificuldades na inclusão destes alunos em suas aulas. Este dado reforça o conteúdo da citação anterior, pois mesmo que dois professores tenham tido acesso a disciplinas na formação inicial, com conteúdos voltados a este temática, estes saberes não foram suficientes para que o trabalho se desenvolvesse com segurança e tranquilidade.

Quando questionados se atendem a algum aluno com deficiência os três afirmaram que sim. Atualmente são atendidos pelos professores onze alunos com deficiência ou necessidades especiais. P1 leciona para Davi (Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH) e Eva (Transtorno Global de Desenvolvimento - TGD), ambos com 7 anos, estudantes do 2º ano do EF. P2 leciona para Brain, 9 anos (Síndrome de Down), Carlos, 9 anos (Deficiência Auditiva), Rui, 12 anos (Autismo), para José, 8 anos (Síndrome de Down), para Ana, 7 anos (Paralisia Cerebral) todos estudantes das séries iniciais do EF e Mário, 22 anos (Paralisia Cerebral) estudante do EM. P3 Leciona para Lucia, 12 anos (Síndrome de Down), para Ricardo, 11 anos (TDAH) e Rute, 12 anos (Deficiência Intelectual), ambos estudantes das séries finais do EF.

No que refere-se à formação continuada os três professores mencionaram ter realizado cursos de pós-graduação, sendo as professoras P1 e P2 pós-graduadas na área de Interdisciplinaridade, e o professor P3 na área de Atividade Física e Saúde.

Na questão que se refere à formação continuada, na área de educação inclusiva para pessoas com deficiência, P1 não respondeu a esta questão. Os professores P2 e P3 afirmaram que já realizaram cursos de capacitação nesta área. Delors (1999, apud VEGA, 2002, p. 24) sugere que a formação continuada deve "[...] *ser encarada como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir*."

No que se refere a experiência junto a alunos com deficiência, contemplado na terceira categoria, os três professores afirmaram ter lecionado para alunos com deficiências. As professoras P1 e P2 ao serem questionadas sobre suas experiências junto a alunos com deficiências apresentaram respostas semelhantes ao escreverem que tiveram muita dificuldade, tanto na parte de espaço físico, material e pedagógico.

Ao resgatar como foi o processo de formação inicial e continuada destas professoras identifica-se que mesmo havendo por parte da P2 o acesso a conteúdos pertinentes a EF Especial ou Adaptada, comunga dos mesmos sentimentos da P1 que não teve acesso a estes conteúdos. Isto pode estar relacionado ao fato de que mais do que conteúdo técnico o professor precisa encontrar na própria prática respostas capazes de atender os desafios que surgem na prática cotidiana. Rodrigues (2011, p.45) afirma que "*é interessante notar que algumas das competências que antes eram do domínio exclusivo dos professores de Educação Especial ou das escolas especiais, "migraram" para as escolas e professores regulares*."

Em relação ao professor P3 este mencionou que os desafios por ele vividos no cotidiano são encarados de forma positiva, tirando-o da zona de conforto, o que em sua opinião contribui para a educação dos alunos com necessidades especiais.

O depoimento do P3, quando relacionado com os dos demais sujeitos da pesquisa, indica ter um sentimento positivo em relação aos outros professores. Talvez pelo fato das experiências vividas desde a sua formação inicial o possibilitaram compreender que a EF na perspectiva da Educação Inclusiva solicita do professor uma mobilização continua envolvendo inclusive a disponibilidade e sensibilidade na condução do seu trabalho por acreditar que a mudança é possível, ou seja, que o aluno é capaz de se desenvolver. Isto se identificou quando P3 foi ao encontro de Lúcia e a estimulou a participar da aula.

Quando questionados sobre o planejamento, os três professores mencionaram não contemplar atividades específicas para os alunos com deficiência, isto pode ser identificado, quando P1 e P2 responderam seguir o planejamento anual elaborado por eles. Quanto ao sujeito P3, este mencionou fazer planejamento semanal, onde descreve as atividades que serão aplicadas semanalmente.

Em relação aos dados observados nas aulas dos professores identificou-se que P1 e P2 demonstraram dificuldades em oportunizar a participação dos alunos, ou mesmo inseri-los nas atividades. Na aula da professora P1 com os alunos Davi, com TDA e a Eva, com TGD, identificou-se que a professora não tinha uma atividade que atendesse a necessidade de ambos no momento em que Davi escolheu o material com o qual queria interagir sem qualquer orientação de P1, enquanto que Eva não participou da aula. Na aula de P2 enquanto todos os alunos participavam, Mário permaneceu sentado observando seus colegas jogando ping-pong durante toda a aula. Com relação a observação feita nas aulas do professor P3 eram constantes os momentos que o professor voltava-se para a aluna Lúcia a fim de que esta participasse da aula, enquanto a turma fazia jogos recreativos ele a incentivava com bola ou com arco, mas nada a interessava.

A análise apresentada apontam dificuldades no trabalho docente que podem estar associadas tanto aos conhecimentos técnicos dos professores, como aos níveis de experiências vividas por eles, bem como a disponibilidade e sensibilidade do docente em dedicar-se na elaboração de atividades e estratégias capazes de contemplar as características e interesses dos alunos. Tal situação enfatiza-se conforme descrito a seguir.

Quanto às estratégias e recursos utilizados para favorecer a inclusão dos alunos com deficiência os professores P1 e P2 mencionaram que os seus alunos, dentro das possibilidades, participam das mesmas atividades que os demais. P2 relata que não usa estratégia diferente para os alunos com deficiência, sua estratégia é a mesma para todos os alunos o que diferencia é o limite de cada um. Deste modo, o aluno é que deve ajustar-se as atividades, não havendo uma flexibilização na aplicação das, a fim de que estes pudessem participar. Ou seja, o aluno participa das atividades conforme suas possibilidades, o que em

alguns casos pode reforçar suas limitações, levando a exclusão deste da aula. Por meio das observações foi possível verificar que não houve adaptações nas atividades que viessem a favorecer a participação tanto de Davi e Eva nas aulas de P1, como nas aulas de P2 para Mario e Rui. Nestes casos pode-se dizer que há uma tendência ultrapassada ao movimento de integração do que ao de inclusão, uma vez que para estes professores os alunos é que devem ajustar-se ao que é trabalhado, contrariando o que orienta a educação inclusiva.

O sujeito P3 descreve que utiliza adaptação de materiais, com o olhar para as atitudes e comportamentos dos alunos como o estado de motivação para a participação. Com relação a este professor pode-se dizer que há uma postura condizente com o que pede a educação inclusiva. Pois para ele o movimento é o das atividades estarem adequadas às características dos alunos e não o contrário, indicando a possibilidade de inclusão destes alunos nas aulas. Verificamos que suas respostas foram coerentes com suas ações perante Lúcia. Para Ribeiro (2009, p.65) "o *professor deve ser um agente facilitador, participativo e conhecedor das necessidades e características de seus alunos. [...] o professor não deve estabelecer o que seus alunos têm capacidade de saber, ou que já sabem."*

Quando questionados sobre a participação dos alunos com deficiência nas aulas de EF os professores fazem as seguintes afirmações. P1 ao se referir ao aluno com TDAH diz que a participação deste é parcial, pois depende como ele está no momento da aula. P2 mencionou que a participação de seus alunos muitas vezes se dá de modo parcial e que não se dedica mais a estes alunos, pois os demais precisam de sua atenção. O professor P3 diz que há variações nas atividades dependendo das características de cada aluno, na sua opinião a participação de seus alunos ocorre totalmente, pois alem das atividades trabalhadas por ele, há um movimento no sentido de fazer com que os demais alunos aceitem a diferença com naturalidade.

Quando foram questionados sobre o suporte recebido da instituição, ou quanto as orientações pedagógicas e condições dos espaços, materiais e tecnologia assistiva oferecidos pela instituição, houveram divergências entre os professores. As professoras P1 e P2 disseram não receber tais suportes, e o sujeito P3 de ter o respaldo da instituição com relação a estes aspectos.

No estudo sobre Atitudes em relação à inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física, Filipe *(2013, p. 604)* afirma que " [...] *para EF ser inclusiva, é importante que se eliminem as barreiras arquitetônicas e metodológicas, sendo pré-requisito para que o aluno possa frequentar a escola regular com autonomia."*

Após relacionar as informações do questionário e termino da observação das aulas se apresenta as seguintes considerações.

NA BUSCA PELAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado possibilita a realização de algumas considerações, que julgamos mais adequado não tê-las como finais, mas apenas o início de uma reflexão mais crítica sobre o tema investigado.

Os dados reforçam o fato de que a inclusão não depende somente do trabalho dos professores de EF para que esta aconteça.

A Inclusão do aluno com deficiência, nas aulas EF ocorre de maneira parcial, pois os professores, além da sua formação inicial, necessitam estar se atualizando por meio de cursos de formação continuada como subsídio para atender os diferentes desafios que emergem no cotidiano da sala de aula que possui alunos com deficiência ou necessidades especiais.

Os professores de EF além de receber uma formação, inicial ou continuada, precisa receber o suporte pedagógico e recursos adequados para que possa haver a inclusão em suas aulas.

Esta pesquisa contribui para que haja a compreensão de que o processo de inclusão de estudantes com deficiência no ensino regular, está na dependência de vários fatores, no entanto é fundamental que o professor de Educação Física compreenda que ele é parte fundamental no sucesso deste movimento.

REFERÊNCIAS

FILIPE, Suzana Raquel Branco Mónica. **As atitudes dos professores de educação física face à inclusão nas aulas de Educação física**. 2012. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/3489/3/SusanaFilipe.pdf> Acesso em: 03 jul. 2014.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

MARQUES, Luciana Pacheco. O **professor de alunos com deficiência mental.** Concepções e prática pedagógica. 2000. Disponível em: < http://www.fcee.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=494> Acesso em: 13 mai. 2014.

MAUERBEG-deCASTRO, Eliane. **Atividade Física adaptada.** São Paulo: Tecmedd, 2005.

RIBEIRO, Sonia Maria. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física.** 2009. Disponível em: < https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/INAYIPCIURCT.pdf> Acesso em: 2 jul.2014.

RODRIGUES, David. LIMA-RODRIGUES, Luzia. **Formação de professores e inclusão.** Como se reformam os reformadores? 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000300004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 31 mai. 2014.

RODRIGUES, David. **Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva.** 2006. Disponível em: <http://moodle.unesp.br/file.php/170/Material_Adicional_-_Fasciculo_2/Dez_ideias_mal_feitas_sobre_educ._inclusiva.pdf> Acesso em: 24 jun.2014.

VEGA, Eunice Helena Tamiosso. **As competências do professor de educação física na pós-modernidade.** 2002. Disponível em: < http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2647/1273> Acesso em: 24 jun.2014.